

PERCEPÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES EM RELAÇÃO AO SIGNIFICADO DE EDUCAÇÃO EM UNIDADE ESCOLAR DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP

Paulo Roberto Belisário¹, Flávia Camargo da Silva², Marco Antonio Villarta-Neder³, Antonio Carlos M. Guimarães⁴

UNIVAP / Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Av. Shishima Hifumi, 2911 – São José dos Campos SP, proberto3581@terra.com.br

Resumo- O presente trabalho tem como objetivo analisar a percepção dos alunos e professores de 6º ao 9º ano quanto ao significado da educação em uma unidade escolar localizada na periferia da zona sul de São José dos Campos – SP. Através da questão “O que é educação para você?” e as alternativas referentes a hábitos sociais, instrução escolar e estar sob controle; obteve-se o resultado mais expressivo para a alternativa referente a hábitos sociais, 41% entre os alunos, e entre os professores 67% do total de 18 responderam que educação significa Instrução escolar. A transmissão do saber deve ser embasada em uma reflexão sobre a compreensão da origem desses jovens advindos de uma comunidade culturalmente heterogênea.

Palavras-chave: Sentidos; educação; urbano

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

No município de São José dos Campos, o espaço urbano apresenta nítidos processos de segregação sócio espacial, demarcando lugares, separando as áreas das elites economicamente dominantes, de grupos economicamente dominados. Ao longo da década de noventa verificamos que no município se agravaram a violência e a miséria urbanas, sobretudo, nas áreas de intensa urbanização (AMORIM, 2004). As regiões sul e leste do município apresentaram maior intensidade de urbanização no período de 1985 a 1996 (SERAFIM, 1998).

O poder público através de um projeto de “desfavelização”, destinou alguns locais da periferia da região sul para a construção de casas populares destinadas a habitação das comunidades advindas deste processo.

É no contexto desse processo de ocupação do espaço, expresso no planejamento territorial hegemônico do final da década de 70 e início dos 80, que se deu o nascimento da atual população jovem dos anos 90, no município de São José dos Campos (AMORIM, 2004).

O poder público nestas localidades se faz presente através da implantação de escolas, postos de saúde, coleta de lixo e saneamento básico, porém, ao analisarmos a percepção destas comunidades em relação ao espaço em que estão inseridas, observamos uma atitude refratária de parte desta comunidade em relação a determinados mecanismos inseridos pelo poder público neste espaço a título de nortear o desenvolvimento econômico e social destas comunidades.

Devido a complexidade destas relações, neste artigo abordar-se-á a percepção do jovem destas comunidades e professores em relação a instituição escolar.

Metodologia

A metodologia do presente artigo consta de revisão bibliográfica e aplicação de questionário com base em pesquisa realizada por Maria; Leal (1997), a alunos e professores do 6º ao 9º ano do ensino fundamental com a seguinte questão: o que significa educação para você? Com as seguintes alternativas para resposta: Instrução escolar (estudo, aprender a falar e a escrever direito, contar), Valorização da autoridade (Estar sob controle de alguma autoridade, respeitar os mais velhos, ter alguém que vigie), Hábitos sociais (Ter higiene, não falar de boca cheia, não roubar, não fazer bagunça).

Resultados

Ao serem analisados os resultados percentuais obtidos através das respostas ao questionário que visava interpretar a percepção quanto ao significado da educação, para alunos de 6º ao 9º ano de uma escola de ensino fundamental da periferia da região Sul de São José dos Campos, conforme Tabela 1, observou-se que para 41% dos alunos a educação significa ter hábitos sociais, para 33% a educação significa instrução escolar, para 23% a educação refere-se a estar sob controle de alguma autoridade. Os indecisos representam 3% dos submetidos ao questionário.

Tabela 1- Distribuição da quantidade e percentuais de votos por alternativa e por ano dos alunos em resposta a questão: o que é educação para você?

Alternativas	6ºano	7ºano	8ºano	9ºano	total	%
Instrução escolar	22	26	24	37	109	33%
Estar sob Controle	16	23	26	12	77	23%
Hábitos sociais	52	34	23	24	133	41%
Indecisos	4	1	4	1	10	3%
Total alunos					329	100%

O mesmo questionário aplicado aos professores do ensino fundamental de 6º ao 9º ano na mesma unidade escolar dos alunos, demonstrou conforme Tabela 2 que para 67% dos professores a educação significa instrução escolar. Em segundo lugar, 28% dos professores consideraram a educação como algo mais abrangente abarcando todas as alternativas através da não marcação de alternativa e fazendo comentários em espaço específico do questionário. A alternativa hábitos sociais, foi escolhida por 5% dos professores submetidos ao questionário.

Tabela 1- Distribuição da quantidade e percentuais de votos dos professores por alternativa em resposta a questão: o que é educação para você?

Alternativas	Nº de votos	Porcentagem
Instrução escolar	12	67%
Estar sob controle	0	0%
Hábitos sociais	1	5%
Indecisos	5	28%
Total de professores	18	100%

Discussão

Pesquisa semelhante que inspirou a presente reflexão, foi realizada por Maria e Leal (1997), em escolas da periferia do Rio de Janeiro com alunos entre 11 e 17 anos de idade, porém com resultados diferentes, visto que a alternativa mais votada pelos alunos daquele estado, com 55% de escolha foi para a alternativa referente a instrução escolar “o estudo, aprender a falar e a escrever direito, contar”; diferindo dos resultados deste trabalho, onde houve maior número de votos para a alternativa que refere-se a hábitos sociais “ter higiene, não falar de boca cheia, não roubar, não fazer bagunça” para 41% dos alunos. Este resultado sugere a maior valorização dos hábitos

sociais entre os alunos da região de estudo, tendo a escola como instrumento transmissor de informações que internalizam hábitos e atitudes importantes para a convivência social, que num primeiro momento deveriam ser transmitidas e internalizadas no seio familiar. A origem humilde de muitos alunos da comunidade em estudo traz consigo a demanda de valores básicos, no qual a escola passa a representar o veículo para transmissão desses valores e dá origem a percepção diversa dos professores que têm na escola a instituição responsável pela transmissão de instrução escolar. Diante desta análise fazemos alusão ao questionamento de Bourdieu (1974), “Será que os esquemas lingüísticos e de pensamento transmitidos pela escola, como por aqueles que os tratados de retórica designavam como figuras de palavras e figuras de pensamento, cumprem ao menos para os membros das classes cultivadas a função dos esquemas inconscientes que organizam o pensamento e as obras dos homens das sociedades tradicionais ou comunidade adversa como a abordada neste trabalho, ou então, as condições em que são transmitidos e adquiridos fazem com que só cheguem a operar ao nível superficial da consciência?”

Como observa Kurt Lewin (*apud* BOURDIEU, 1974), “as experiências referentes à memória e à pressão do grupo sobre o indivíduo mostram que o que existe como “realidade” para o indivíduo encontra-se determinado, em grande medida, pelo que é socialmente aceito como real... Logo, a “realidade” não é absoluta. Ela difere de acordo com o grupo a que o indivíduo pertence”.

De acordo com a observação de Kurt Lewin (*apud* BOURDIEU, 1974) sugere-se neste estudo, que os alunos advindos de uma realidade diversamente da percebida pelo poder público enquanto instituição escolar, possa estar tendo uma percepção da instituição escolar segundo a “realidade” socialmente aceita como real determinada de acordo com o grupo a que o indivíduo pertence.

Corroborando com o que se costuma designar como a hipótese de Sapir e Whorf aplica-se perfeitamente a vida intelectual. As palavras e sobretudo as figuras de palavras e as figuras de pensamento características de uma escola de pensamento modelam o pensamento assim como o expressam.

A língua e o pensamento de escola operam esta ordenação pela valorização de certos aspectos da realidade: produto específico da escola, o pensamento por “escolas” e por gêneros (designados por inúmeros conceitos terminados em ismo) permite organizar as coisas de escola, isto é, o universo das obras filosóficas, literárias, plásticas ou musicais e, além delas ou por seu intermédio, ordenar toda a experiência do real e

todo o real. Para falar a linguagem da tradição grega, o mundo natural só se torna significativa quando passa a constituir o objeto de uma *diacrisis*, de um recorte que assegura o triunfo do “limite” (pêras) sobre o caos sem ordenação e ensina a arte de operá-la. O gosto não passa da arte de estabelecer diferenças e quando faltam tanto este princípio divisório como a arte de aplicá-lo comunicada pela escola, o mundo cultural reduz-se a um caos sem delimitações nem diferenças. Por exemplo, os visitantes de museus desprovidos deste arsenal de palavras e categorias que permitem nomear as diferenças e apreendê-las ao nomeá-las_nomes próprios de pintores célebres que operam enquanto categorias genéricas, conceitos que designam uma escola, uma época, um “período” ou um estilo e que autorizam as aproximações (os “paralelos”) ou oposições_estão fadados à diversidade monótona de sensações desprovidas de sentido; para se poder fazer as diferenças, falta um guia, se não tudo fica igual (BOURDIEU; DARBEL *apud* BOURDIEU, 1974).

Em 2º lugar com 33% da votação, a alternativa “O estudo, aprender a falar e a escrever direito, contar” a escola significa a fonte do saber que possibilita a inserção do indivíduo na organização social decorrente de uma ascensão social.

O mesmo questionário aplicado aos professores do ensino fundamental de 6º ao 9º ano na mesma unidade escolar dos alunos, observamos que no resultado que para 67% dos professores a educação significa instrução escolar “O estudo, aprender a falar e a escrever direito, contar”. Em segundo, 28% dos professores consideraram o educação como algo mais abrangente abarcando todas as alternativas através da não marcação de alternativa e fazendo comentários em espaço específico do questionário. Em terceiro lugar com 5% da votação, a alternativa Hábitos Sociais “Ter higiene, não falar de boca cheia, não roubar, não fazer bagunça” para o significado de educação para os professores.

As percepções diferentes quanto ao significado da educação para professores e alunos demonstram que, segundo ORLANDI, (nd), o consenso é imaginário, o discurso social não é homogêneo dando lugar a diferentes movimentos de discurso que se cruzam na incompreensão.

Pode-se perceber nas falas desorganizadas do cotidiano, ou seja, nas percepções diferenciadas entre professores e alunos as diferenças que demandam sentido. É o discurso constituído a partir da sobreposição do conhecimento sobre a própria realidade. Nessa indistinção, o real refletido neste trabalho através das respostas em relação a percepção do aluno quanto ao significado da “educação”, é substituído pelas categorias do saber humano, seja em sua forma

erudita, seja no modo do senso comum em que esse discurso é incorporado pela política, representada pela instituição escolar (ORLANDI, nd).

Os resultados sugerem que a divergência quanto ao significado da educação para 41% dos alunos e 67% dos professores ocorre devido ao fato de que os primeiros são procedentes em sua maioria das classes C, D e E, onde irrompem segundo ORLANDI, (nd) como falas desorganizadas que consideramos como indícios do estar “fora do discurso”: politicamente, historicamente, lingüisticamente.

Bourdieu (1974) em análise da significação escolar e das funções sociais do culto escolar da precocidade esclarece a secreta afinidade que une os valores mais propriamente escolares (pelo menos aparentemente) e os valores das classes dominantes, sem resvalar pelos princípios desta espécie de harmonia preestabelecida que faz com que, mesmo quando parece obedecer tão somente às suas próprias normas (propriamente escolares), o sistema de ensino obedece a normas externas.

O aluno desta unidade escolar em estudo, proveniente de um universo de redes de relações adversas traz consigo pendências que imprimem a ele uma significação da instituição escolar que difere da percepção dos professores.

A instituição escolar representante do agente público administrador de acordo com ORLANDI, (nd) envolvido em seu programa de governo só entende aquilo que faz parte dele. O que não entra nele não significa. A cidade para o administrador, é um plano, um projeto. Para as pessoas, é a vida cotidiana, não disciplinada.

Fato este gera conflitos, pois o imaginário presente em ambos os lados como ressalta ORLANDI, (nd) separa a situação concreta do cotidiano da rua de sua configuração enquanto espaço da administração urbana (questão de política pública).

O etnocentrismo se faz presente nessas relações, quando pressupõe interesses diversos postos numa relação de alteridade (o eu e o outro em relação) mais que de diversidade (o eu e o outro). Resultam, daí, processos de manipulação da realidade, segundo diferentes formas de percepção e conhecimento.

A experiência de contato entre os diferentes e culturas diversas coloca em questão um espaço de encontro, de confronto e de conflito, marcado pelo diverso, pelo diferente, onde o dialogo com outras formas de conhecimento, tem por base e pressuposto central o mundo da cultura, as relações entre os homens e a construção do saber (GUSMÃO, 1997).

Conclusão

Os resultados deste trabalho nos mostra que o processo de transmissão do saber via instituição escolar exige uma ampla reflexão sobre a atuação do discurso urbano sobrepondo-se aos outros sentidos da cidade, e transferindo esta questão ao espaço escolar pergunta-se: como a escola faz sentido no aluno, como ela se diz nele, em alusão a reflexão de ORLANDI, (nd).

Referências

AMORIM, S. G. O lugar no plano e na língua dos manos Territorialidades do espaço instrumental e, do espaço orgânico, num estudo da cultura hip-hop, no município de São José dos Campos. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2004.

BOURDIEU, P. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.203-257.

GUSMÃO, N. M. M. Antropologia e educação: Origens de um diálogo. **CADERNOS CEDE**. v.18, n.43, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>> Acesso em: 28 mai.2008.

MARIA, A. Z.; LEAL, C. Gênero e Educação Pública: uma Comparação entre o CIEP e a Escola Comum. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO**. v.78, n.188, 1997. Disponível em: <redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/275/27501706.pdf> Acesso em: 28 mai.2008.

ORLANDI, E. P. A desorganização cotidiana. Escritos nº1. Percursos Sociais e Sentidos nas Cidades. Campinas / SP: UNICAMP/LABEUB/NUDECRI, nd.

SERAFIM, C. R. Monitoramento do crescimento urbano em áreas de risco a erosão na bacia hidrográfica do córrego Pararangaba no município de São José dos Campos – SP. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 1998.